

---

JAZZ

12 FEVEREIRO '08

AKA MOON

---

*Culturgest*

Grupo Caixa Geral de Depósitos

Fabrizio Cassol

Michel Hatzigeorgiou

Stéphane Galland



TER 12 DE FEV 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 · M/12

Saxofone alto Fabrizio Cassol  
Baixo Fender Michel Hatzigeorgiou  
Bateria Stéphane Galland

## MODERN PRIMITIVES

Aka Moon. Aka em referência aos pigmeus que habitam as florestas do centro de África. Moon aludindo à herança astral de um certo jazz que procurou sempre extravasar as fronteiras, inclusive as terrestres, de que o saturniano Sun Ra é um ícone absoluto. Aka, de novo, porque a música ancestral dos pequenos homens e mulheres do povo Bayaka tem as características polirrítmicas e polifónicas procuradas pelos músicos mais aventureiros do hemisfério norte do planeta. Moon, ainda, pelo facto de o trio belga dar largas aos humores lunares, em toda a dimensão primordial e em toda a naturalidade espontânea do seu mistério interior.

Sobretudo, Aka é o nome dado a uma língua que os especialistas categorizam como sendo de “contacto”, ou seja, o produto do cruzamento de uma fala

em extinção de caçadores de macacos e apanhadores de frutos, sob a ameaça do desaparecimento da floresta tropical africana (vítima da gula da indústria madeireira e do papel), com as formas verbais vivas das vizinhas etnias de agricultores. A noção de contacto é mesmo a chave para compreender as propostas musicais dos Aka Moon: o jazz em equação com o rock em equação com tradições de vários pontos do mundo em equação com a música erudita e de pesquisa contemporânea do Ocidente em equação com o *techno* dançante; em suma, uma linguagem feita de várias línguas. Como afirmam Fabrizio Cassol, Michel Hatzigeorgiou e Stéphane Galland, a melhor forma de comunicação é aquela que tem a particularidade de encadear toda uma série de eventos que nos tornam em receptores e emissores de energia. A energia que nos faz viver e evoluir, dando forma a uma consciência colectiva e universal.

Coesão, unidade e harmonia são termos que os três músicos utilizam para explicar o projecto Aka Moon. Daí as



suas revisitações de J. S. Bach ou de Paco de Lucia; daí as colaborações pedidas ao DJ Grazzhoppa, ao compositor Frederic Rzewski, ao violinista de tradição carnática C.N. Chandrashakar, ao pianista da improvisação livre Benoit Delbecq, ao saxofonista de jazz Joe Lovano, ao ensemble “clássico” Ictus, ao rapper Steven Segers, ao oudista Habib Shihadi, ao clã de percussionistas senegaleses N’Diaye Rose; daí o trabalho desenvolvido com as companhias de dança ROSAS de Anne Teresa de Keersmaecker Les Ballets C de la B ou com a *troupe de break dance* Mad Spirit; daí o envolvimento de escritores como Philippe Lemoine e Gereardyan Rijnders; daí as teatralizações com o encenador Luc Bondy e com o colectivo TG Stan; daí as acções conjuntas com os pintores Anton Cracco e David Rousseau. Música, pois, de contacto se trata, entre tipologias

musicais e entre disciplinas artísticas diversas, o que é definido pelos Aka Moon como um “estado de espírito” e uma “atitude”.

Entre uma visita à República Central Africana para tocar, precisamente, com os pigmeus Aka, uma homenagem ao falecido vocalista e guitarrista rock Jeff Buckley com o cantor David Linx – um dos mais respeitados do jazz europeu – na principal voz, a apresentação de uma ópera escrita por Philippe Boesmans, *Wintermarchen*, um encontro com instrumentistas da Índia e outro com uma orquestra de DJs, o trio vem firmando uma postura que, se é pós-moderna nos contornos, evita o *pastiche* e a lógica de manta de retalhos que muitas vezes se abrigam sob tal designação. Musicalmente, os Aka Moon são como um prisma – as nossas percepções

do que fazem variam consoante as faces que observamos, tal como acontece com o provérbio dos cegos e do elefante, cada um dos primeiros apenas percepcionando a parte do corpo do animal que têm ao alcance mais imediato das suas mãos. Uns retêm a sua faceta jazzística muito próxima da nebulosa M-Base (Steve Coleman, Greg Osby, etc.), outros não hesitam em colocá-los na herança do rock progressivo de Canterbury (Soft Machine) ou no caldeirão da *world music*, e há ainda quem os tome por um grupo de câmara contemporâneo com características urbanas e cosmopolitas. O certo é que todos têm razão.

Uma das glórias do piano actual, Brad Mehldau, resume um concerto desta formação da seguinte forma: “São incríveis. Tentamos acompanhar aqueles ritmos sempre em mudança e seguir os tempos, mas não conseguimos. A música parece ser extremamente complicada, mas ao mesmo tempo deixa o público num estado de total excitação.” Cultivando uma sonoridade ritualística, o transe é mesmo a linha de força da filosofia Aka Moon. O que quer dizer que parecem simultaneamente primários e sofisticados – MODERN PRIMITIVES. Música “cultu” com tatuagens tribais, é o que ouvimos no seu mais recente álbum, *Amazir*, tal como em cima do palco.

Em Cassol encontramos um saxofonista alto quase tão angular e tortuoso quanto Anthony Braxton, mas com a impulsividade e o desvario de John Zorn, e um compositor com o sentido de rumo de Ornette Coleman. O guitarra baixo Hatzigeorgiu (ou simplesmente Hatz,

como lhe chamam na Bélgica) tem sido apontado como o novo Jaco Pastorius, com a diferença de que é esteticamente muito mais audacioso. Quanto a Galland, dir-se-ia que tem na sua bateria todos os ritmos do mundo – sabe ser hipnótico e obsessivo, como o *funk* de James Brown, o *krautrock* dos Can e o minimalismo de Steve Reich, bem como mudar de direcção abruptamente, à maneira de Frank Zappa, numa troca assombrosa de compassos e métricas. Tudo isto combinado e temos os Aka Moon, protegidos de Djengi, o deus da floresta.

RUI EDUARDO PAES  
(CRÍTICO DE MÚSICA, ENSAÍSTA,  
EDITOR DA REVISTA JAZZ.PT)



## Aka Moon

O saxofonista Fabrizio Cassol, o baixista Michel Hatzigeorgiou e o baterista Stéphane Galland, todos belgas, tocavam, na sua juventude, em diversos grupos. Um deles, que formaram com o guitarrista Pierre Dormael, era a banda de jazz Nasa Na Band, muitas vezes referenciada como antecessora dos Aka Moon.

Em 1990 os três músicos foram viver, na selva da África Central, com a tribo de pigmeus Aka, para se iniciarem na música polifónica e polirrítmica que a tribo praticava (no site do grupo, [www.akamoon.com](http://www.akamoon.com), no capítulo discografia, consta um CD com música dos Aka).

De volta à Europa, formam o grupo Aka Moon (aka é também o acrónimo de “also known as”) e gravam o primeiro disco, tendo como título o nome da banda, em 1992. Entre 1992 e 1996, às quartas-feiras, o grupo tocava no teatro Kai, de Bruxelas; ao longo desses anos, os seus fiéis puderam assistir à evolução musical da banda. Nos álbuns *Rebirth* (1994) e *Live at Kai* (1999), mantiveram a sua formação original em trio. Mas em todos os outros expandiram o elenco de músicos, de harmonia com o seu próprio percurso musical.

Depois de uma viagem à Índia, onde se encontraram com o Mestre de Percussões Umayalpuram K. Sivaraman, gravaram, em 1995, *Akasha vol. 1* e *Akasha vol. 2*, em que é notória a influência da música indiana, e em que participam três músicos indianos, entre os quais Sivaraman, tocando flauta, tablas, e mrandanga (instrumento de

percussão do Sul da Índia com a forma de um tambor oblongo com dois lados, com duas bocas de tamanho desigual, uma, mais pequena, que produz sons agudos, outra, maior, produz os graves).

*Ganesh* (1997), vem no seguimento dos CD's *Akasha*. Mantém-se a sonoridade oriental, mas com a colaboração de mais dois guitarristas. *Elohim* (1997) apresenta uma formação ainda maior e mais eclética e conta com a participação do vocalista David Linx em várias faixas. Em *Live at Vooruit* (1998), muda o som, experimentam-se outros caminhos – o trio toca com o percussionista senegalês Dondou N'Diaye e vários membros da sua família.

Entre 1999 e 2001, os Aka Moon gravam uma trilogia – *Invisible Mother* (1999), *Invisible Sun* (2000) e *Invisible Moon* (2001). O conceito anda em torno de *I Ching*, um dos mais antigos textos clássicos chineses que traça um sistema de cosmologia e filosofia oriental. Em *Invisible Mother* o trio colabora com o grupo de música contemporânea Ictus Ensemble. *Invisible Sun* é uma obra em onze peças para uma big band. *Invisible Moon* retoma a colaboração com o Mestre Sivaraman e tem uma forte vibração *world music*.

Em 2001 gravam *In Real Time* que recolhe a música que compuseram para o espectáculo, com o mesmo título, que construíram com a companhia de dança ROSAS e o grupo de teatro TgSTAN. *Guitars* (2002) junta ao trio de base três guitarristas, David Guilmore, Pierre Van Dormael e Prasana. Neste álbum prestam homenagem a diversos guitarristas com diferentes estilos, como John Scofield, Bill Frisell e Paco de Lucia.



O último CD, *Amazir*, data de 2006 e ao trio se juntam mais quatro músicos. Cada tema é independente dos outros, com alguns, muito poucos, cruzamentos entre si, como influências cubanas e os seus ritmos particulares ou vibrações harmónicas.

Esta breve descrição da discografia dos Aka Moon revela o percurso deste grupo, a sua constante busca de novas sonoridades, a diversidade dos projectos que têm prosseguido, a curiosidade pela música não ocidental.

Mas não diz que esta é a banda líder do jazz contemporâneo belga, que o espírito jazzístico está sempre presente na sua música, não revela nada sobre a qualidade excepcional de cada um dos elementos do trio, não fala da força da sua música, sobretudo evidente nos concertos ao vivo.

Fabrizio Cassol é um gigante na cena jazzística belga. Stéphane Galland é um baterista que pode tocar quase tudo e não tem medo de actuar junto com percussionistas de todo o mundo. Michel Hatzigeorgiou é conhecido por ser grande fã do baixista Jaco Pastorius (que fez parte, designadamente, dos Weather Report), mas muitos consideram que ultrapassou facilmente o seu modelo.

Em Portugal os Aka Moon só se apresentaram em espectáculos de dança, quer o referido *In Real Time* (que estive no CCB), quer em *Vsprs*, dos Les Ballets C de la B, um espectáculo de Alain Platel e Fabrizio Cassol (que pôde ser visto no Teatro Camões na última edição do festival alcantara).

Se, na Bélgica, este é um grupo que já deixou de ser de culto e arrasta milhares de pessoas aos seus concertos, é ainda,

injustamente, muito pouco conhecido fora do seu país. Apesar da crítica internacional traçar elogios como estes: “Um dos mais insolentes e inovadores trios da Europa” (*Jazzman*, França); “O trio belga Aka Moon têm-nos ‘arrasado’ desde há muitos anos com a sua música eléctrica e viva” (*Le Monde*, França); “Sem dúvida um dos grupos mais inovadores e excitantes que emergiram na cena Europeia” (*Dublin Messenger*, Irlanda); “A mais talentosa banda de jazz que ouvi desde há muito tempo” (*Willow*, Reino Unido).

(ELABORADO A PARTIR DA ENTRADA  
AKA MOON DA WIKIPEDIA)

PRÓXIMO ESPECTÁCULO  
MÚSICA SÁB 16 DE FEVEREIRO



## Mari Boine

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30 · DUR. APROX. 1h30 · M/12

Mari Boine é muitas vezes identificada como porta-voz do povo Sami, autóctone da região também muitas vezes designada por Lapónia, no Norte da Escandinávia. Porque pertence a esse povo, porque tem lutado pelos seus direitos, política e culturalmente, porque a língua e a música tradicional Sami estão sempre presentes nas suas canções, porque começou a cantar publicamente, no início dos anos 1980, em revolta pela opressão que o seu povo sofria.

Mas Mari não se acha porta-voz dos Sami. “Não posso representar um povo inteiro. Mas posso contar a minha história como Sami e dessa forma contar parte da história do povo Sami. Nas minhas canções posso descrever a dor da opressão, a luta para ganhar o respeito próprio, mas também a alegria de crescer numa cultura que tem uma ligação tão forte com a natureza”.

A música pode tocar-nos de uma forma insuspeita. Pode oferecer significados, mas pode também criar momentos

que não conseguimos definir. A música pode confundir-nos, mas também pode fazer-nos sentir felizes, exaltar-nos espiritualmente ou enriquecer-nos. A música de Mari Boine tem estes efeitos.

Não se deixa o encontro com Mari e a sua música sem se ser tocado profundamente. A sua música é simples, mas no encontro entre as suas canções, a sua voz, a sua banda, revela-se a sua força. Temos que ouvi-la com o espírito aberto: se não nos entregarmos, talvez não consigamos descobrir a riqueza que ela tem para nos oferecer.

O primeiro álbum que Mari gravou foi em 1989. Chamava-se *Gula-Gula*, foi distribuído pela Real World Records, de Peter Gabriel e deu-lhe de imediato fama internacional que tem vindo sempre a consolidar-se e a expandir-se nestes quase vinte anos passados.

O concerto desta noite é baseado no seu último álbum *Idjagiedas* (“Na mão da noite”), editado em Agosto de 2006, por alguns considerado o seu melhor disco.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55  
WWW.CULTURGEST.PT  
Edifício Sede da CGD  
Rua Arco do Cego  
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO  
PRESIDENTE  
Manuel José Vaz  
VICE-PRESIDENTE  
Miguel Lobo Antunes  
VOGAL  
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES  
DANÇA  
Gil Mendo  
TEATRO  
Francisco Frazão  
ARTE CONTEMPORÂNEA  
Miguel Wandschneider  
SERVIÇO EDUCATIVO  
Raquel Ribeiro dos Santos  
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO  
Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO  
Patrícia Blázquez  
Mariana Cardoso de Lemos  
Jorge Epifânio  
Judite Jóia

EXPOSIÇÕES  
PRODUÇÃO E MONTAGEM  
António Sequeira Lopes  
PRODUÇÃO  
Paula Tavares dos Santos  
MONTAGEM  
Fernando Teixeira  
CULTURGEST PORTO  
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO  
Filipe Folhadela Moreira  
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA  
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES  
Marta Cardoso  
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS  
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS  
E FINANCEIROS  
Cristina Ribeiro  
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA  
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES  
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA  
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS  
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM  
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO  
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA  
Fernando Ricardo CHEFE  
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA  
José Luís Pereira CHEFE  
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR  
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA  
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA  
Manuela Fialho  
Edgar Andrade

RECEPÇÃO  
Teresa Figueiredo  
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO  
Nuno Cunha